



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**INFÂNCIA E MASCULINIDADE NAS MEMÓRIAS DE GREGÓRIO
BEZERRA**

Getúlio Nascentes da Cunha*

Gregório Bezerra, líder comunista nascido no dia 13 de março de 1900, na cidade de Panelas de Miranda, na região agreste de Pernambuco. Desde muito foi influenciado pelos ideais da Revolução Russa e ainda jovem passou a integrar os quadros do então Partido Comunista do Brasil, apesar de sua filiação formal ao partido só ter se dado na década de 1930. Segundo o próprio Bezerra, as lideranças do PCB no Nordeste haviam orientado a que não se filiasse para que pudesse manter uma militância mais livre.

Gregório Bezerra foi certamente uma das lideranças mais importante do PCB no Nordeste, tendo atuação marcante durante o que se convencionou chamar de *Intentona Comunista*, em 1935. Mais tarde se tornou conhecido por ser uma das primeiras vítimas de tortura logo após o golpe de 1964. Preso no interior do estado onde tentava organizar a resistência ao golpe, foi enviado para Recife, onde Bezerra foi cruelmente torturado, sendo arrastado amarrado pelas ruas do bairro Casa Forte após ter sido obrigado a andar sobre ácido de bateria de um carro¹.

Libertado juntamente com outros quatorze presos políticos trocados pelo embaixador americano, Charles Burke Elbrick, em 1969. Bezerra acabou se exilando na

* Professor Associado do Curso de História da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão

¹ A descrição em detalhes de todo o processo de prisão e as torturas que sofreu pode ser encontrada nas memórias de Gregório Bezerra, ver em especial as páginas 533-4, da segunda edição.

antiga União Soviética, onde escreveu suas memórias, publicados no Brasil em dois volumes, nos anos de 1979 e 1980². Obra que utilizaremos nesse trabalho como nossa principal fonte. A utilização das memórias de Gregório Bezerra como fonte deve ser seguida de uma série de cuidados. É evidente ao longo de toda a leitura do texto uma tentativa de construção de uma imagem de si bastante favorável, em alguns momentos mesmo heroica, o que impõe um olhar mais crítico frente à narrativa. Não se pode negar que Bezerra faz uma leitura do seu passado de uma forma bastante seletiva³. Não há derrotas e mesmo quando elas ocorrem levam a atitudes ainda mais heroicas. Como são todas as vezes em que acabou preso. O aparente fracasso, acaba por revelar um conjunto de atitudes que mais o engrandecem.

Entretanto, apesar de todos os cuidados que devemos ter ao nos aproximarmos da obra de Gregório Bezerra, ela não perde seu valor enquanto um retrato de um determinado período e de uma época. Claro que como todo retrato, ele sofreu a influência do olhar e dos filtros inerentes a toda obra. Mas mesmo entre a névoa que esses elementos levantam e possível ver sinais de uma imagem mais concreta ao fundo. É nesse sentido que vemos em seu relato uma grande possibilidade de se entender o que era ser criança, no início do século XX, na região do agreste num período de fortes secas e também na cidade do Recife e de como as experiências vividas por ele levaram, juntamente com outras vivências, à construção de um certo ideal de masculinidade que se torna evidente em algumas passagens de sua narrativa.

Bezerra começa suas memórias falando da fome que será sua companheira durante toda a infância. Segundo ele, desde o ventre materno sua experiência foi a da fome (BEZERRA, 17) causada pelas fortes secas que atingiam a região e que vão perdurar por toda a sua juventude, com curtos períodos de maior abundância. A primeira consequência disso foi uma certa itinerância a que a família se via obrigado na busca de um lugar onde houvesse trabalho para os mais velhos e, portanto, a possibilidade de sobrevivência de todos. Sendo assim, desde pequeno Gregório Bezerra se viu diante da necessidade de viver sobre os cuidados de diferentes pessoas da família. Aos cinco anos de idade foi viver com a avó.

² Estou utilizando a segunda edição publicada em 2011, pela Editora Boitempo, de São Paulo, com os dois volumes agrupados em um só.

³ Para uma discussão acurada das questões em torno da memória e do esquecimento, ver *A História, a memória e o esquecimento*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2008

Essa talvez seja uma primeira característica da infância no sertão nordestino no início do século XX. Dificilmente as crianças estavam em casa com a família inteira. Bezerra desde muito pequeno se viu diante da necessidade dos pais e dos irmãos mais velhos terem de ir para outras partes a procura de trabalho. Em poucos momentos de suas memórias vemos a família toda reunida e em seu caso pessoal, aos oito anos já era órfão.

Mas as separações familiares podiam ter um caráter mais permanente. Era comum que alguns dos filhos fossem criadas por outras pessoas, às vezes de forma bastante prolongada. É assim que Gregório Bezerra, passa vários anos sem ver a irmã Izabel, levada para viver com tios na cidade de Palmares (BEZERRA, 87). Apenas nos momentos em que ele também se deslocava, tinha contato com a irmã. Seu irmão caçula também foi dado pela avó para ser criado por um compadre logo após a morte da mãe e frente a impossibilidade de arcar com tantas bocas dentro de casa (BEZERRA, 66). A própria ida de Gregório Bezerra para o Recife se fez nessa situação. A princípio ele foi mandado para morar com uma família, donos do engenho onde suas irmãs Isabel e Amália estava trabalhando, que prometeu educá-lo em troca do trabalho na casa. As palavras utilizadas por sua irmã Izabel, nas lembranças de Bezerra são eloquentes: “pra dá de vez, não dou. Só minha avó pode, puque a nossa mãe antes de morrê recomendou nós a ela; mas se fô pra passa uns tempo, ele pode ir cum a senhora.” (BEZERRA, 100)

Nesse processo de ir morar de forma provisória ou não com outras pessoas, se revela a importância que tinha as relações de compadrio. Gregório passou boa parte de sua infância com sua avó, sua madrinha. Da mesma forma que a irmã vivia em companhia da tia, que também era sua madrinha. Apesar das dificuldades na manutenção da família unida, previda pela necessidade de trabalho. Isso não diminuía a força da família como um ideal. Morando no Recife, o grande sonho de Bezerra era a possibilidade de levar os irmãos mais novos para morar com ele, principalmente depois do momento em que a mãe já tinha falecido.

Outra característica é a presença constante do trabalho desde muito cedo. Já nessa época, apesar da pouca idade, Bezerra tinha obrigações que dificilmente poderiam ser atribuídas a uma criança. Juntamente com um amigo, filho de família que vivia em sítio vizinho, Bezerra cruzava o sertão montados num cavalo. Um de seus tios morava numa cidade a 80km de distância do sítio da avó. Ainda assim, Bezerra e o amigo iam todo sábado buscar os mantimentos que o tio enviava e que garantiam a sobrevivência dos que permaneciam ligados à avó. A água também tinha que ser buscada a uma

distância de 46 quilômetros contados a ida e a volta. Mas além dessas tarefas, ele tinha que buscar lenha que seria consumida na casa (BEZERRA, 21,23). Pouco tempo depois, as distâncias percorridas seriam ainda maiores, 82 quilômetros entre a ida e a volta, até Vargem do Ingá⁴.

Uma marca do trabalho e que vai se constituir numa parte da honradez que deveria ser seguida, era o cuidado de não sobrecarregar ninguém. Sempre que Bezerra morou com sua avó teve o cuidado de fazer suas tarefas, já que ela já era idosa. Mas a prática ia muito além. Quando visitava parentes sempre trabalhava durante o período em que ficava na casa para não sobrecarregar ninguém com a sua presença. Da mesma forma, sua avó não o repreendeu duramente quando almoçou na casa do amigo que sempre o acompanhava.

Outra marca da infância era a coragem construída deste muito cedo. Aparentemente não havia temor ao percorrer as distâncias implicadas na busca de água ou nas visitas aos parentes. Pouco antes de irem para Vargem do Ingá, Bezerra e o amigo iam pegar água no sítio do tio do amigo. Inicialmente, Bezerra fica com medo, pois havia muita gente perambulando pelas estradas, o que poderia colocar em perigo seu cavalo. Mas não há nenhum sinal de temor pelas distâncias ou pela atividade em si.

Nessa questão do trabalho a separação entre a infância e a idade adulta ainda se mantem, mesmo que de forma tênue⁵. Mesmo que já aos seis anos tenha ganhado uma enxada para trabalhar junto com a família (BEZERRA, 32), Gregório não acompanha os pais e os irmãos mais velhos na busca por trabalho em outras regiões, o que mostra uma separação das atividades que cabia a cada idade. E não era o único, já que sempre tem presente a figura de “amigos”, que supomos ter idades próximas à dele. Mas isto não o isentava do trabalho, mesmo remunerado. Em vários momentos, ele exerce funções juntamente com a família. É o caso por exemplo da permanência no engenho Brejinho, que segundo Gregório foi seu primeiro trabalho como assalariado agrícola, quando faltavam dois meses para que completasse sete anos (BEZERRA, 39) Também e o caso da ida para o Recife.

⁴ As grandes distâncias que percorria parecem ser um exagero causado pela visão retrospectiva das memórias. Apesar do texto não dizer qual era a idade do amigo, podemos supor que não fosse muito diferente da sua. É difícil imaginar crianças percorrendo distância tão grande por caminhos desconhecidos, mesmo em situações de muita premência.

⁵ Mas a autorização para se usar calças, apenas aos 10 anos, marcava claramente a divisão de fases (Bezerra, 32)

Mas nem tudo é trabalho. Como afirma o próprio Bezerra,

os domingos eram meus. Usava e abusava deles à mercê de minha vontade. Tinha meus amigos para brincar e passear por onde quiséssemos. Saíamos a andar pelas estradas e campos esturricados da caatinga. Éramos os donos provisórios dos sítios temporariamente abandonados. (BEZERRA, 23)

Divertimento que devia ser bastante usual eram as festas: no meio do ano havia o mês do São João, mês de fartura com “milho verde, canjica, pamonha, o famoso pé de moleque e o bolo gostoso de massa puba, o delicioso feijão-verde, a fava, jerimum caboclo e o de leite, a melancia, o maracujá para o bate-bate e a batata” (BEZERRA, 84). Havia também as festas no final do mutirão. Eles aparecem na narrativa apenas uma vez. Gregório estava com oito anos quando viu 120 pessoas reunidas para a limpeza para limpar um lajeiro que possibilitasse guardar a água das chuvas. Mas se tomarmos a experiência dos caipiras paulistas⁶ como exemplo, deveria ser algo bastante rotineiro na vida de todo o sertão.

Outros divertimentos incluíam sempre a possibilidade de gozar de uma liberdade que não era possível no dia a dia marcado pela necessidade de trabalho. Um deles era a possibilidade de ir à feira, onde se permitia pequenos prazeres como comprar um pão-doce nos momentos de maior abundância e, mesmo de um cigarro apesar da pouca idade. Bezerra teria começado a fumar com sete anos de idade (BEZERRA, 41). Aparentemente, não havia uma restrição ao consumo do fumo em idade tão nova, já que ele fumava na frente de outros adultos que não eram de sua família. Entretanto, não era permitido a uma criança pedir fogo a um adulto, coisa que era considerada uma ofensa grave merecedora de castigo.

Aos dez anos de idade Gregório Bezerra vai para o Recife morar com a família de um dono de engenho, no intuito de trabalhar em troca de aprender a ler e escrever. A realidade que encontra, no entanto, é completamente outra. Acaba sendo explorado em todas as atividades do trabalho doméstico e tem a contrapartida da escolarização negada (BEZERRA, 108). A situação de Gregório na casa dos senhores no Recife não era diferente daquela enfrentada por parte dos empregados e empregadas domésticas naquele início de século. Longas jornadas de trabalho, comida em separado composta de restos da

⁶ Ver CÂNDIDO, Antônio. *Parceiros do Rio Bonito*. 11ª São Paulo: Ouro sobre Azul, 2010. Uma diferença que se apresenta é que na experiência relatado por Bezerra o mutirão tem uma finalidade coletiva, não se constituindo numa troca de favores entre os participantes.

mesa do senhor, autoritarismo presente em todas as atitudes, desprezo e desrespeito⁷. Depois de um tempo nessa situação, acaba optando por fugir e ir morar nas ruas onde sua infância não será muito diferente daquela que tinha no agreste, uma luta constante pela sobrevivência e a tentativa nem sempre bem sucedida de reunir a família.

Aos onze anos ele já estava morando nas ruas do Recife onde teve de lidar com várias dificuldades. A primeira delas foi garantir a sobrevivência. Seu primeiro trabalho foi o de carregar de malas e objetos para pessoas que o abordavam ou que ele abordava na rua para oferecer ajuda, depois passou a vender jornais, o que foi sua profissão pelo restante da infância. Mas o trabalho de jornaleiro não era uma tarefa fácil. Havia uma grande disputa entre os vários meninos e adultos, que viviam da atividade, as brigas e espancamentos não eram algo raro (BEZERRA, 126). Mas, aparentemente, Bezerra se deu bem na atividade, conseguindo melhor de vida, juntar algum dinheiro. Seu grande desejo no entanto, era ter um emprego fixo longe das ruas, mas segundo ele, só lhe ofereciam trabalhos domésticos, coisa que sua experiência anterior

Dormir, dormia na rua durante o seu período inicial, depois acabou sendo ajudado por um farmacêutico que sabia de sua condição desde os tempos da chegada ao Recife. Ele o levou para morar com sua noiva o que permitiu que Gregório melhorasse de vida. Mas esse arranjo não se prolongará por muito tempo, já que ele entra em conflito com o irmão da noiva, o que o força a abandonar a casa e voltar para as ruas.

Se formos julgar pela literatura, o problema do menor abandonado parece ter sido maior no Nordeste do que nas grandes cidades do Sudeste, como Rio de Janeiro e São Paulo. Não encontramos nenhuma obra literária do início do século XX que trabalhe especificamente com o problema. E mesmo se pensarmos em obras sobre a marginalidade do período e com forte conteúdo jornalístico, como *A alma encantadora das ruas*, de João do Rio, ou *Mistérios do Rio* (1924), de Benjamin Costallat, não vemos aparecer a figura de meninos de rua com um personagem significativo. Mas para o caso do Nordeste não é possível deixar de mencionar o *Capitães da areia* (1937), de Jorge Amado, mesmo que este seja de um período um pouco posterior. No livro de Jorge Amado é possível perceber que o problema não se limitava a Recife e Salvador, logo no início do livro é apresentado

⁷ Ainda assim Bezerra afirma que a cozinheira da casa era uma pessoa benquista pelos membros da família, apesar de acrescentar “não só por cozinhar bem como pelo pouco salário que recebia” (BEZERRA, 103)

o personagem Gato, que teria vindo de Aracaju e se integrado aos Capitães da Areia (AMADO, 37).

Nas ruas, Gregório sentia falta sobretudo da possibilidade de estabelecer laços de solidariedade, já que a concorrência na venda dos jornais era bastante acirrada e os perigos de ser morar nas ruas dificultava a criação de laços mais próximos, mesmo quando dividiam uma casa abandonada os laços eram estabelecidos com um outro dos jornaleiros (BEZERRA, 138). Por isso a sua felicidade quando dois de seus irmãos também foram para o Recife. Bezerra nunca se afastou da família, indo visita-los quando conseguia juntar algum dinheiro. Ele tinha 13 anos e viu na presença dos irmãos a solidariedade que não tinha na rua. Além de permitir que após algum tempo passassem a morar no mesmo lugar, reunindo parcialmente a família

Todas essas vivências de Gregório Bezerra vão ajudando a construir um ideal de masculinidade. Um primeiro elemento constitutivo dessa masculinidade era a necessidade do trabalho. Ser homem, envolvia o direito de usar calças, de fumar, mas envolvia também a capacidade de se sustentar e de cuidar daqueles que lhe eram queridos. E não havia uma separação clara do que seria um trabalho masculino. O que se procurava era antes de mais nada uma melhor remuneração. O trabalho doméstico foi sua primeira atividade em Recife, e quando seus irmãos chegam na cidade, também se empregam nessa função.

Ao longo de toda a infância a honradez é sempre apresentada como uma necessidade quase que absoluta. Uma honradez que abarcava não apenas a questão da honestidade. Uma recusa constante a qualquer forma de roubo ou à quebra da palavra dada. Mas essa honradez atinge em cheio a questão da sexualidade. Se manter honrado, enquanto homem, era evitar toda e qualquer forma de homossexualidade. Suas observações sobre esse aspecto se concentram todas já em Recife. Aqui, o que solta aos olhos é uma rejeição muito forte de Gregório Bezerra a qualquer tipo de prática homossexual. Seu primeiro contato direto com a questão ocorreu quando tinha ainda 13 anos. Vencido pelo cansaço, acabou dormindo na porta do Gabinete Português de Leitura. No meio da noite foi acordado por um negro semiembriagado que tentou violentá-lo (BEZERRA, 140). Diz Bezerra que “eu tinha verdadeiro pavor de pederastas. Ouvia contar muitas histórias desse tipo, mas não acreditava.”. A partir de então, passou a tomar suas precauções contra nova possibilidade de ataque.

Durante o período de sua prisão, quando já era adolescente, isso se manifesta de forma contundente. Vale lembrar que as prisões de então, não faziam uma separação entre os internos por conta da idade. Adultos e jovens infratores dividiam os mesmos espaços e as mesmas obrigações dentro do sistema prisional. Isto certamente estimulava a prática de relações homossexuais entre adultos e jovens.

Quando de sua permanência na prisão, era notória a presença de alguns presos que praticavam de forma mais ou menos aberta o homossexualismo. Bezerra sempre se refere a eles de forma pejorativa, como alguma forma de aberração que não devia nem mesmo ser mencionada. Tenta de todas as formas não ser colocado numa posição em que pudesse ser abordado por esses indivíduos. Entretanto, um deles passa a ter o jovem Bezerra como alvo de seus desejos e consegue, junto à direção do presídio que Bezerra fosse transferido para sua cela. Logo ao saber da transferência, Bezerra teria afirmado para amigos que preferia morrer a perder a macheza!

Como medida de segurança, consegue esconder um estilete na cela próximo ao local onde deveria dormir. Na primeira noite, Ricardo se aproxima e tenta acaricia-lo. Bezerra não pensa duas vezes e esfaqueia seu companheiro de cela, o que faz com que os guardas venham separar a briga.

Quando comparamos o comportamento do jovem Gregório Bezerra com aquele dos jovens que compunham os Capitães da Areia, vemos semelhanças e diferenças em seus comportamentos. Também nos Capitães da Areia, um comportamento sexualmente passivo não era admitido. Ser considerado um pederasta passivo era motivo para expulsão do grupo (AMADO, 43)). Mas isso não impedia que laços homoafetivos fossem formados. Logo no início da narrativa, o jovem Boa-Vida leva o jovem Gato para fazer parte do grupo, o fez com a intenção de o seduzir. Gato logo na primeira investida o rechaçou, afirmando não ser um maricas (AMADO, 38). O que não significa que Boa-Vida fosse um homossexual. Pouco depois, afirma o texto “quando o Gato se cansa de uma pequena, entrega ao Boa-Vida” (AMADO, 38).

Entre os Capitães da Areia esse não foi o único caso de uma relação homoafetiva. Certa noite, Sem-Pernas acordou por conta de um barulho e viu o negrinho Barandão sair do trapiche. Pensando que o mesmo ia esconder o fruto de algum roubo, o que era proibido pelas regras do grupo, onde tudo deveria ser compartilhado, decide segui-lo. Para sua surpresa, Barandão tinha ido se encontrar com Almiro, um menino de doze anos. Sem-Pernas viu quando se deitaram e pode ouvir quando um deles disse “meu filhinho!

Meu filhinho!”. A reação de Sem-Pernas não foi de repulsa, mas de reconhecimento de que frente a dura realidade em que viviam cada um buscava um carinho, um alívio, de sua própria maneira (AMADO, 43).

Percebe-se que não havia uma rejeição absoluta de relações homoafetivas, mas por outro lado, não era aceitos comportamentos exclusivamente passivos. Quando retomamos as memórias de Gregório Bezerra, as posições parecem muito mais radicais. O sentimento é de uma rejeição absoluta de qualquer tipo de vínculo homoafetivo, não importando em que condições ele se forme.

Outro aspecto dessa identidade sexual era um envolvimento precoce com as mulheres. Aspecto que parece ser mais universal na construção da masculinidade do início do século. Bezerra tinha quase dezesseis anos quando foi pela primeira vez a procura de uma mulher que lhe satisfizesse os desejos. Suas primeiras tentativas terminaram em fracasso. As mulheres o julgavam muito menino e se recusavam a dormir com ele, mesmo com o pagamento. Sua iniciação acabou ocorrendo com uma velha, embriagada que lhe deixou três coisas: um forte arrependimento, a sensação de que era finalmente um homem e uma forte gonorreia (BEZERRA, 155). A mesma rejeição das mulheres aos meninos aparece em *Capitães da Areia*, onde as prostitutas se recusavam a deitar com os capitães da areia por achá-los ainda muito meninos. Gato parece ter sido o mais bem sucedido nesse quesito.

Ao analisarmos a construção da masculinidade ao longo da infância de Gregório Bezerra é perceptível uma adesão aos modelos de masculinidade hegemônica típicos de uma sociedade patriarcal. O fato de ter sido criado numa família em que a grande liderança foi exercida alternadamente pela mãe e pela avó parecem não ter afetado muitas das bases do patriarcalismo. Mas quando pensamos metodologicamente é preciso ponderar um aspecto. Não é possível terminar a leitura das memórias sem ficar com a impressão de que mais do que uma memória estamos diante de uma grande criação de uma figura mitológica que vai muito além do próprio Bezerra. Essa figura é a do homem comunista, daquele que se criou e dedicou a vida ao partido. Um homem que beira a perfeição em todas as suas ações, um homem com uma visão sempre muito claro do que está acontecendo e de quais são suas obrigações. Um homem acima de qualquer questionamento seja na sua vida pública, seja na sua vida privada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Jorge. *Capitães da areia*. 50ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1980

BEZERRA, Gregório. *Memórias*. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2011

CÂNDIDO, Antônio. *Parceiros do Rio Bonito*. 11ª São Paulo: Ouro sobre Azul, 2010.

MARCÍLIO, Maria Luiza. *História social da criança abandonada*. 2ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2006

RICOUER, Paul. *A História, a memória e o esquecimento*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2008

